

Separata

**João Carlos Caninas e
Francisco Henriques**

**UM CONJUNTO DE PLACAS DE XISTO GRAVADAS
DO NORDESTE ALENTEJANO**

ابن مروان
I B N M A R U Á N

**Revista Cultural do Concelho de Marvão
nº 4 - Dezembro de 1994**

UM CONJUNTO DE PLACAS DE XISTO GRAVADAS DO NORDESTE ALENTEJANO¹

João Carlos Caninas e Francisco Henriques²

RESUMO

Uma tentativa de enquadramento de uma placa de xisto gravada, proveniente de uma anta de Nisa, conduziu-nos à identificação de um conjunto de placas produzidas aparentemente por um mesmo artesão.

Neste conjunto, detectaram-se dois casos de reconfiguração de placas de xisto, com passagem de contorno simples a contorno recortado e acentuação de caracteres antropomórficos.

1. INTRODUÇÃO

No final dos anos setenta tivemos oportunidade de observar uma placa de xisto gravada, proveniente de um monumento dolmênico da região da Salavessa (Nisa). O seu proprietário e achador, o Eng^o Joaquim Miguens dos Remédios, informou-nos ter sido retirada da Anta da Terra da Azinheira (**fig.1** - IGC, folha 28, 1:100.000). O artefacto estava inteiro mas, no momento da recolha, partiu-se em dois fragmentos, tendo sido partilhado com outra pessoa. A peça que tivemos oportunidade de desenhar corresponde à metade superior dessa placa de xisto (**fig. 3**).

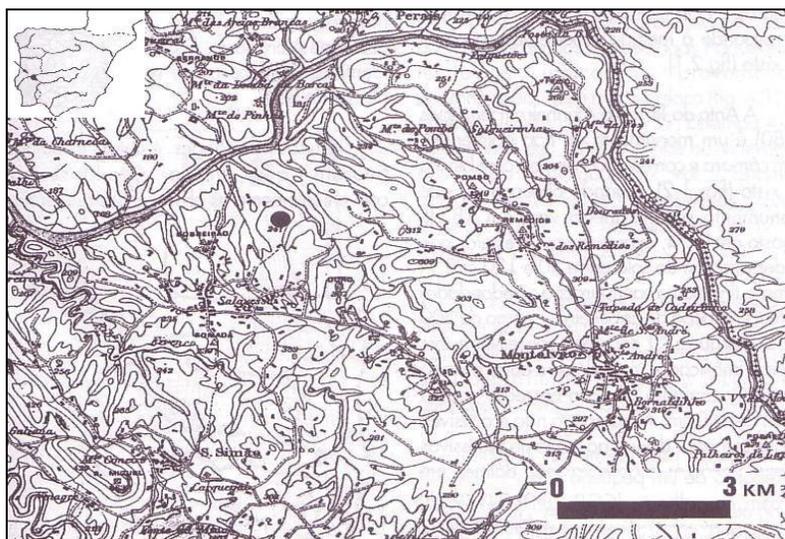


Figura 1

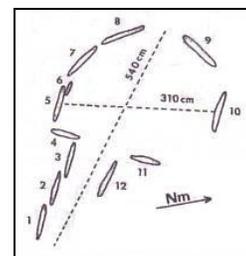


Figura 2

¹ Texto publicado no número 4 (Dezembro de 1994) de Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão, p. 147-156.

² Membros do NRIA - Núcleo Regional de Investigação Arqueológica / Associação de Estudos do Alto Tejo, Avenida da Belavista, nº 160, 6030 Vila Velha de Ródão.

A anta da Terra da Azinheira (Henriques & Caninas 1980) é um monumento de tipo dolménico, com câmara e corredor, construído com blocos de xisto (**fig. 2**). Quando observámos este monumento pela primeira vez, em 18 de Agosto de 1974, apresentava 12 esteios que se destacavam do solo entre 40 e 120 cm³. A câmara tinha uma configuração arredondada, sem acentuação da cabeceira, e cerca de 300 cm de largura. O corredor conservava três esteios, imbricados, no lado sul e outro no lado norte. O conjunto câmara-corredor media cerca de 540 cm. A mamoa já não era visível, aparentemente, devido ao efeito de sucessivas lavras. Voltámos a observar este dólmen em 1990. Situa-se alguns quilómetros a nordeste da aldeia de Salavessa (Coord. Hectom. Sec. Gauss N461952, CMP 314, 1:25000), no rebordo de um pequeno planalto de arcoses com cascalheira (CGP 28-B, 1:50.000), coberto por um olival.

Este monumento integra-se numa importante mancha de monumentos de tipo dolménico do nordeste de Nisa (Caninas & Henriques 1987) e situa-se próximo da Necrópole Megalítica de Montalvão a qual tem vindo a ser estudada por Jorge Oliveira (Oliveira 1991).

A singularidade da decoração desta placa de xisto, que poderíamos qualificar de irregular ou tosca, fixou desde logo a nossa atenção. Procurámos artefactos análogos na bibliografia arqueológica, consultando fundamentalmente os trabalhos de Georg e Vera Leisner (1959), de Farinha Isidoro (1970, 1971 entre outros) e, mais recentemente, de Conceição Rodrigues (1986b: Catálogo, p. 87-129). Verificámos que tinham sido publicadas diversas placas análogas, quer nos motivos, quer no traço, provenientes do Nordeste Alentejano. Acabámos também por identificar dois casos de reconfiguração de placas de xisto.

Outras prioridades, e outros trabalhos, fizeram que nunca divulgássemos convenientemente as observações que então tivemos oportunidade de fazer. No entanto, essas observações permanecem com interesse para divulgação junto dos estudiosos do Megalitismo do Sudoeste Peninsular e da sua(s) cultura(s) material(ais). Surge pois a oportunidade com o grato convite, que nos foi dirigido pelo Dr. Jorge Oliveira, para colaborar nas páginas de "Ibn Maruan", revista cultural do Concelho de Marvão.

2. DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

A pesquisa e o exercício de comparação que nos foi suscitado pela placa de xisto da Terra da Azinheira (**Placa 1**), conduziu-nos, como se disse, a um curioso conjunto de placas similares, que passamos a apresentar.

Placa 2: Pertence ao espólio do Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses tendo a indicação "proveniência desconhecida". Esta mesma placa (**fig. 6.1**) foi publicada pelos Leisner (1959, Estampa 4.4), como sendo de Castelo de Vide ou Marvão, e por Estácio da Veiga (1887, vol. II, Estampa VIII) que a relaciona com uma anta de Castelo de Vide. Fizemos o seu desenho em 17 de Março de 1981 (**fig. 4**).

³ Dimensões visíveis dos esteios (altura, largura), em centímetros: 1(60,70), 2(70,80), 3(60,120), 4(40,70), 5(120,120), 6(45,22), 7(70,84), 8(93,70), 9(90,80), 10(90,100), 11(?), 12(55,70).

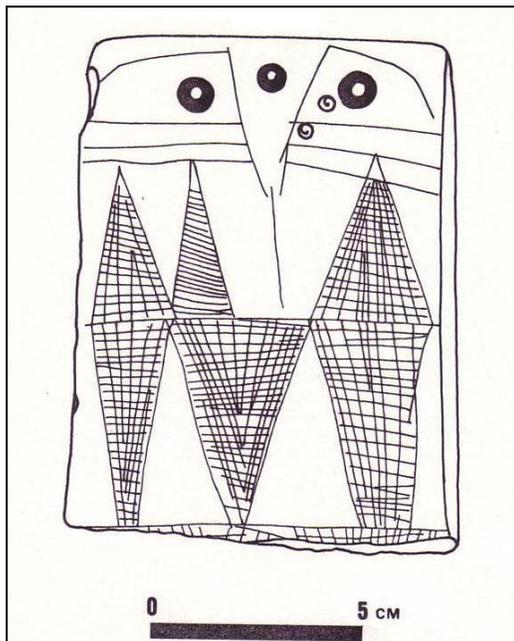


Figura 3

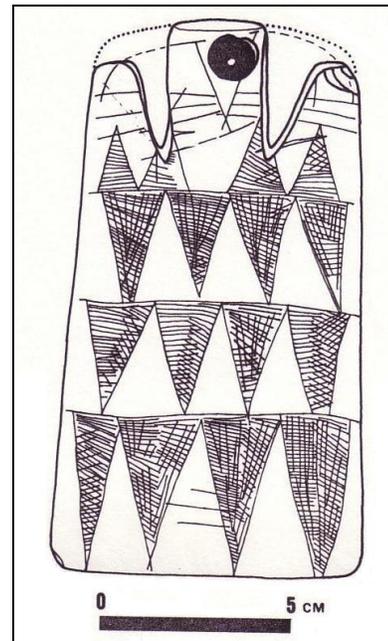


Figura 4

Placa 3: Provém da Anta da Tapada da Laje de Peles, Crato (Isidoro 1971, figs 21 e 22). Obtivemos o desenho desta placa (**fig. 5.1**) a partir da fotografia inclusa na publicação mencionada.

Placa 4: Provém da Anta 1 do Couto do Biscaia, Crato (Isidoro 1970, fig. 15b). Obtivemos o desenho desta placa (**fig. 5.2**) a partir da fotografia inclusa na publicação mencionada.

Placa 5: Provém da Anta 1 do Couto do Biscaia, Crato (Isidoro 1970, fig. 15a). Obtivemos o desenho desta placa (**fig. 5.3**) a partir da fotografia inclusa na publicação mencionada.

Placa 6: Pertence ao espólio do Museu dos Serviços Geológicos com referência à Anta da Cabeça, Castelo de Vide (Leisner 1959, Estampa 3.4.4). Conceição Rodrigues (1975) não consegue localizar este topónimo em Castelo de Vide pelo que julga tratar-se da Anta 2 do Alcogulo. Reproduzimos (**fig. 6.2**) o desenho incluído em Leisner 1959.

Placa 7: Pertence ao espólio do Museu dos Serviços Geológicos com referência à Anta da Cabeça, Castelo de Vide (Leisner 1959, Estampa 3.4.5). Conceição Rodrigues (1975) não consegue localizar este topónimo em Castelo de Vide pelo que julga tratar-se da Anta 2 do Alcogulo. Reproduzimos (**fig. 6.3**) o desenho incluído em Leisner 1959.

Placa 8: Provém da Anta da Lameira, Crato (Leisner 1959, Estampa 6.6.1). Reproduzimos (**fig. 6.4**) o desenho incluído na publicação mencionada.

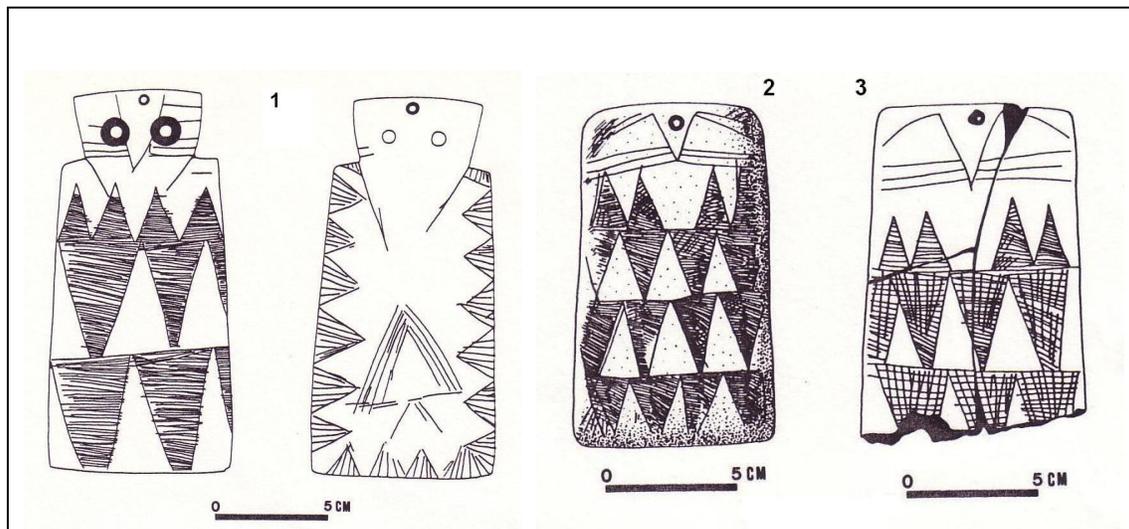


Figura 5

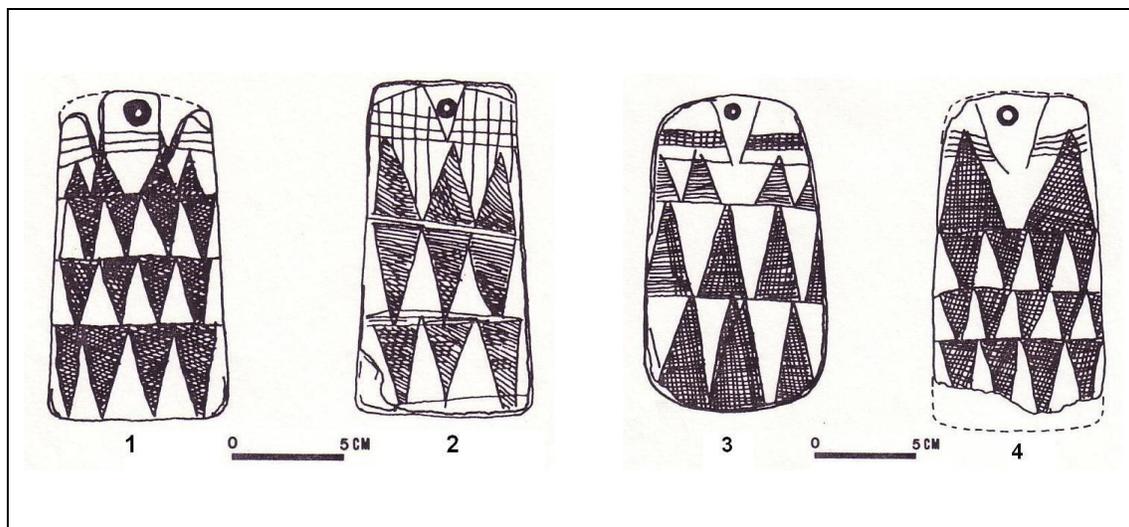


Figura 6

Estas placas correspondem, com diversas variações, ao seguinte modelo:

- 1) Formato subrectangular e contorno simples;
- 2) Decoração unifacial;
- 3) Elemento decorativo: triângulo preenchido, distribuído em bandas horizontais;
- 4) Composição (de cima para baixo):
 - furo de suspensão central;

- figura triangular invertida (esta figura poderá ser equiparada a um nariz, por analogia com uma face humana; nas placas recortadas esta figura dá lugar à cabeça), sem base, com prolongamentos laterais ou arcos (por analogia com sobrancelhas);
- três traços horizontais ou tatuagens (por analogia com tatuagens faciais) exteriores à figura triangular;
- uma banda com dois triângulos à esquerda e outros dois à direita de um espaço central;
- três bandas de triângulos invertidos;

5) Decoração dos triângulos: traços horizontais, combinação de traços horizontais, oblíquos e verticais; padrão e traço irregulares;

6) Material: xisto.

Passamos a referir as variações observadas nas oito placas relativamente a este modelo.

Placa 1 (fig. 3): fragmentada; a figura triangular invertida não tem vértice; apresenta mais dois furos (olhos) entre os arcos e as tatuagens; a primeira banda apresenta apenas um triângulo à direita do espaço central; tem duas bandas de triângulos invertidos. Os olhos poderão corresponder, eventualmente, a uma segunda fase de gravação.

Placa 2 (fig. 4): o desenho publicado pelos Leisner - **fig. 6.1** - não regista, na parte superior da placa, nem a figura triangular nem os arcos).

Primeira fase: a composição original, em formato não recortado, deveria corresponder integralmente ao modelo descrito.

Segunda fase: o contorno foi recortado, na parte superior da placa, com individualização de cabeça e ombros e eliminação do desenho da parte superior de dois triângulos da primeira banda; os arcos também foram interrompidos.

Placa 3 (fig. 5.1).

Primeira fase: admitimos que a composição original, em formato não recortado, apresentava as seguintes variações relativamente ao modelo: ausência de arcos (podará eventualmente considerar-se como arco o traço horizontal gravado à direita da figura triangular); um traço acima das tatuagens (ou quarto traço de tatuagem); uma primeira banda de triângulos sem espaço central; duas bandas de triângulos invertidos, todos eles preenchidos por traços genericamente horizontais.

Segunda fase: o contorno foi recortado, na parte superior da placa, com individualização de cabeça e ombros; foram introduzidos dois furos, unicónicos (o furo original é bicónico), ou olhos, que intersectaram a figura triangular e os traços superiores de tatuagem; os traços correspondentes às tatuagens, à figura triangular e o eventual arco foram acentuados; a decoração estendeu-se à outra face da placa com a decoração que a figura documenta; os novos triângulos são distintos - no desenho, dimensões, preenchimento e distribuição - dos triângulos da face principal.

Placa 4 (fig. 5.2): os arcos estão duplicados.

Placa 5 (fig. 5.3): incompleta; continha pelo menos duas bandas de triângulos invertidos.

Placa 6 (fig. 6.2): a primeira banda contém três triângulos e não tem espaço central, seguem-se duas bandas de triângulos invertidos; crescem traços verticais entre os arcos e os triângulos da primeira banda.

Placa 7 (fig. 6.3): contorno arredondado; ausência de arcos; figura triangular invertida sem vértice e prolongada por dois traços horizontais; quatro tatuagens cruzadas por segmentos verticais; a segunda e terceira banda contêm triângulos direitos.

Placa 8 (fig. 6.4): incompleta; ausência de arcos; figura triangular invertida sem vértice; quatro tatuagens do lado direito da figura triangular e cinco do lado esquerdo; primeira banda apenas com um triângulo de cada lado do espaço central, sobrepondo parcialmente as tatuagens; decoração dos triângulos mais regular do que nos casos anteriores (admitindo que o desenho é exacto).

As oito placas descritas correspondem, aparentemente, a seis diferentes sítios arqueológicos. Três placas são de proveniência desconhecida ou incerta e, de uma forma geral, as condições de jazida são imprecisas ou desconhecidas. Dispensamo-nos, por isso, de analisar, neste momento, os espólios associados a algumas destas placas e a tipologia dos respectivos monumentos.

3. COMENTÁRIOS

Reconhecemos o enorme interesse da discussão acerca do significado destes artefactos. No entanto, não o iremos fazer porque entendemos que seria um exercício inadequado, em face da insuficiência do material que apresentámos.

Nestas circunstâncias, não se justifica discutir aquilo que já foi dito a este propósito por Estácio da Veiga, Leite de Vasconcelos, Santos Rocha, Virgílio Correia, E. Frankowski, Georg e Vera Leisner, Albuquerque e Castro, Jean Arnal, Veiga Ferreira, Rafael Monteiro (1958), Victor Gonçalves e Conceição Rodrigues, entre outros, ou ainda os trabalhos de sistematização descritiva de Conceição Rodrigues (1986) e de Ana e Jorge Sá Pinto (1979).

Considerando as descrições anteriores julgamos pertinente formular os comentários seguintes.

3.1. A pesquisa que efectuámos, embora não sendo definitiva quanto ao alcance dos seus resultados, tendo em conta o universo de artefactos que foi analisado, permitiu-nos identificar um conjunto de placas de xisto que admitimos terem sido produzidas por um mesmo artesão (ou grupo de artesões).

Esta hipótese fundamenta-se na evidência de um modelo morfológico comum às oito placas, com destaque para a similaridade da composição decorativa (exclusiva deste conjunto), para as características do traço (aspecto singular deste conjunto, que poderá ser interpretado como uma limitação do artesão e não como um estilo; observável noutras placas desta região), para o padrão irregular de preenchimento dos triângulos e para a proximidade dos achados.

Esta hipótese reveste-se de muito interesse no quadro da circulação de artefactos na região megalítica abrangida por estas placas, remetendo-nos para as relações entre o grupo Ródão-Nisa, polarizado no Rio Tejo (Caninas & Henriques 1987), e o grupo Nisa-Crato, situado mais a sul, em território granítico (Gonçalves 1981, Oliveira 1993).

3.2. Victor Gonçalves, num magnífico ensaio sobre os megálitos de Reguengos de Monsaraz (1992), defende a ideia de a perfuração singular nas placas de xisto poder "significar o início do desaparecimento da prática de suspensão das placas" (p. 90), sucedendo a uma fase caracterizada pela dupla perfuração, a qual permitiria uma maior estabilidade a essa suspensão.

A partir das descrições anteriores é possível constatar a não aplicação desta hipótese ao conjunto de placas que apresentámos, cujo modelo é caracterizado por uma única perfuração. Se de facto a perfuração única fosse posterior à dupla perfuração que justificamos, em termos funcionais e simbólicos, poderíamos dar à sobreposição destes dois "tipos de suspensão" em alguns artefactos, como é o caso das placas da Terra da Azinheira (**fig. 3**) e da Tapada da Laje de Peles (**fig. 5.1**)?

Em nosso entender, a dupla perfuração da **Placa 3 (fig. 5.1)** corresponde a uma segunda fase de utilização deste artefacto e teria uma função mais simbólica do que prática. Admitimos também a mesma explicação para os dois furos adicionais da **Placa 1 (fig. 3)**, considerando-os de uma segunda fase de gravação em que o simbolismo, antropomórfico, da dupla perfuração se sobreporia à funcionalidade da perfuração unitária, permitindo cumulativamente uma suspensão mais estável.

3.3. Duas placas deste conjunto foram sujeitas a um processo de reformatação, ou reconfiguração, (formal/simbólica), explicável no quadro de uma reutilização. Esta alteração documenta a sucessão contorno simples / contorno recortado e está associada a uma marcação, ou acentuação, de caracteres antropomórficos.

Este aspecto, que julgamos observar noutras placas do Nordeste Alentejano⁴, não é suficiente para generalizar uma diferenciação cronológica entre o tipo geométrico (ou com decoração geométrica, correspondente a placas de contorno simples) e o tipo antropomórfico (correspondente a placas de contorno recortado). Aliás, as datações apresentadas por Victor Gonçalves, para três placas, apontam para a coexistência destes tipos numa "larga faixa cronológica" (Gonçalves 1989).

Para além disso, o problema complica-se se reconhecermos que a distinção entre um tipo geométrico e um tipo antropomórfico é insuficiente se centrada apenas no contorno. Inúmeras placas de contorno simples e decoração predominantemente geométrica, como aquelas que apresentámos, contêm já diversos caracteres antropomórficos e apresentam uma organização em duas áreas distintas, geralmente associadas à cabeça e ao corpo de um figura humana (Gonçalves 1992, p. 82), facto que nos sugere a necessidade de repensar estas categorias, ou de aceitar a representatividade de um tipo protoantropomórfico.

Esta dicotomia, baseada no contorno, talvez constitua um falso problema se atentarmos também no facto de apenas 8% das 260 placas do Alto Alentejo analisadas por Conceição Rodrigues (1986b, pág. 79) corresponderem ao chamado tipo antropomórfico.

4. BIBLIOGRAFIA

CANINAS, J. C. Pires e F. J. Ribeiro HENRIQUES (1987) – **Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa**, Actas das I Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano (1985), Castelo de Vide, p. 69-82, 2 figs.

GONÇALVES, Victor, Françoise Treinen-Claustre e Ana Arruda (1981) – **Anta dos Penedos de São Miguel (Crato) - Campanha 1(81)**, Clio-Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa, 3, Lisboa, p. 153-164.

⁴ Rodrigues, 1986b, pp123-124: placas nº139/Jeromigo-Reguengos de Monsaraz, nº 278-279/Passo 1-Reguengos de Monsaraz e nº 148/Alcarapinha-Elvas.

GONÇALVES, Victor (1989) – **Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias**, Almansor, 7, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, p. 289-302.

GONÇALVES, Victor S.(1992) – **Reverendo as Antas de Reguengos de Monsaraz**, Cadernos da Uniarg, 2, INIC, Lisboa, 264p, 48 figs.

HENRIQUES, Francisco J.R. e J.C. Pires CANINAS (1980) – **Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa**, Preservação, 3, Vila Velha de Ródão, 67p.

ISIDORO, Agostinho Farinha (1970) – **Escavações em Dolméns do Concelho do Crato (Alto Alentejo) - III**, Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", 6. Porto.

ISIDORO, Agostinho Farinha (1971) - **Escavações em Dolméns do Concelho do Crato (Alto Alentejo) - IV**, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. XXII, Fasc. 1, p. 41-56, Porto.

LEISNER, George e Vera (1959) – **Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel - der Westen**, Madrider Forschungen, vol. 1, 2 tomos, Berlim.

MONTEIRO, Rafael (1958) – **Um problema arqueológico. As placas de xisto gravadas**, Diário Popular, 24.Julho.58, Lisboa.

OLIVEIRA, Jorge (1991) - **A anta da Nave do Padre Santo - Nisa (Necrópole Megalítica de Montalvão)**, Actas das IV Jornadas Arqueológicas, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, p. 201-214.

RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro (1975) – **Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide**, Junta Distrital de Portalegre, Lisboa, 277p e 130 est.

RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro (1986a) – **Código para a análise das placas de xisto gravadas do Alto Alentejo**, Câmara Municipal de Castelo de Vide, 83p.

RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro (1986b) – **Estudo Ideológico-simbólico das placas de xisto gravadas (Alto Alentejo)**, Câmara Municipal de Castelo de Vide, 130p.

SÁ PINTO, Ana Maria e Jorge (1979) - **Problemas de análise descritiva de placas de xisto gravadas do Megalitismo Português**, Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 3, (Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal), Porto, p. 183-208.

VEIGA, Sebastião Estácio da (1887) – **Antiguidades Monumentais do Algarve, Tempos Prehistoricos**, vol. II, Lisboa.